



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - POSGRAP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - NPGeo



“30 ANOS DE CONTRIBUIÇÃO À GEOGRAFIA”

São Cristóvão, 29 e 30 de Agosto de 2013.

---

**A MEDIAÇÃO NATUREZA/SOCIEDADE NA LUTA PELA ÁGUA SOB AS  
LÓGICAS ESPACIAIS E TERRITORIAIS NA DIMENSÃO ONTOLÓGICA DO  
TRABALHO DA TEORIA LUCKACSIANA.**

**Shauane Itainhara Freire Nunes**

Doutorando do Programa de Pós-graduação em geografia  
Universidade Federal de Sergipe  
Grupo de Pesquisa Estado Capital Trabalho  
[shauanecaju@yahoo.com.br](mailto:shauanecaju@yahoo.com.br)

**Alexandrina Luz Conceição**

Professora do Núcleo de Pós-Graduação de Geografia/NPGeo  
Coordenadora do Grupo de pesquisa Estado Capital Trabalho/GPECT  
[aluz@oi.com.br](mailto:aluz@oi.com.br)

O capital tem procurado minar as forças de resistência dos indígenas, dos camponeses, das comunidades nativas, pescadores, trabalhadores assalariados subordinando-os as tramas do mercado e subtraindo relações não capitalistas de produção, ao tempo que agrega novos valores normativos para a destruição do vínculo da vida: terra e a água.

A perda das águas e das terras enquanto condição do modo de vida construído na relação sociedade/natureza mediada pela atividade pesqueira artesanal que produz espaços através de territorialidades outras que não a do capital, faz com que cada vez mais a permanência desses em seu território de vida e de trabalho esteja condicionada a uma prática cotidiana de resistência.

Nesse sentido a pesca - artesanal enquanto atividade extrativista depende das condições dos ambientes marinhos, estuarinos e lacustres para ser exercida, assim como da terra enquanto extensão das relações construídas na mediação sociedade/natureza através da pesca, atividade onde o produto do trabalho é diretamente extraído da natureza. Diante dessa realidade, viver da pesca em sua forma artesanal, onde a capacidade de captura dos pescados é de baixo poder predatório, se apresenta como tarefa difícil diante de toda pressão que os espaços onde se dá o processo de produção dos territórios das comunidades que vivem da

pesca- artesanal são submetidos nas relações sociais de produção capitalistas. Os espaços que correspondem a essas áreas sofrem uma crescente pressão diante da expansão do capital.

Entre elas a valorização do solo, através dos processos de expansão imobiliária e do turismo, onde se dá o consumo da paisagem através de um retorno à natureza que se torna fonte de lucro. O agronegócio na expansão da monocultura se apropria de áreas de mangue destruindo e expulsando pequenos produtores e pescadores de seus territórios de vida. Soma-se a essas questões a política energética de construção de barragens e hidroelétricas nos rios, que desapropria comunidades e transforma todo o curso e reprodução natural das espécies de água doce. Por fim, a privatização das águas que se dá através do hidronegócio, e de projetos como a transposição do Rio São Francisco, onde antes um ambiente considerado livre se depara agora com “cercas”.

Nossa pesquisa que permite no objetivo de analisar as contradições que permeiam a relação sociedade/natureza a partir de territórios onde o trabalho aparece como categoria ontológica e central nas relações sociais e de produção de espaços de resistência não só ao modo de vida imposto pelo capital, como também aos processos de sua configuração. Sendo de fundamental importância a compreensão de como a atividade pesqueira artesanal permanece mesmo diante das imposições de reprodução do capital nos espaços, da prática de vida dos pescadores artesanais.

Entendemos que a análise das contradições históricas produzidas pelo capital se dá no espaço de forma desigual e combinada, fruto do modo de produção capitalista que estabelece relações sociais desiguais e de classe e tem no Estado a institucionalização dessa desigualdade. Desta forma, analisaremos os caminhos destas atividades e como o Estado através de projetos e políticas públicas direcionadas a pesca interfere ou se ausenta no que se refere à atividade em sua forma artesanal.

Nosso Projeto de Pesquisa está fundamentado nas categorias geográficas: espaço, território e lugar. Compreende-se espaço como categoria da existência material do reflexo da articulação das relações contraditórias entre capital e trabalho.

Para apreender esse movimento do real, além das leituras necessárias realizaremos trabalho de campo em áreas correspondentes a prática da pesca artesanal no estado de Sergipe. Entre elas o Baixo São Francisco, nos municípios de Neópolis e Propriá, no litoral sul Estância e em Aracaju na área que corresponde ao Mosqueiro.

O desenvolvimento de nossa pesquisa tem indicado que a pesca- artesanal no estado de Sergipe vem sendo pressionada diante da expansão capitalista de maneira e que, somando a falta de efetivação das políticas públicas que garantam a reprodução da atividade pesqueira

artesanal, estão postos obstáculos reais a manutenção das comunidades pesqueiras artesanais que margeiam o baixo São Francisco e todo litoral Sergipano. As Políticas Públicas direcionadas a atividade pesqueira artesanal do estado não são efetivas, nem suficientes na garantia da permanência dessas comunidades (tradicionais) que vivem da pesca, já que os espaços/ territórios – da atividade são de interesse do capital na forma de uso do recurso da água, da como energia, ou das áreas circundantes como as áreas de especulação imobiliária, turística, ou como área de expansão do agronegócio. Além de que a prioridade dos investimentos públicos se direciona para a privatização das águas, leia-se hidronegócio, aquicultura, pesca industrial.

A atividade pesqueira artesanal produz mais da metade dos recursos pesqueiros do país, segundo o próprio Ministério de Pesca e Aquicultura e o Relatório descritivo da I Conferência Nacional de Pesca artesanal<sup>1</sup> ocorrida em 2009, mesmo assim o capital via Estado, assim como faz com a produção camponesa, se apropria desses recursos no momento da distribuição e da circulação de mercadorias sem investir na atividade e sem reconhecer a importância desta. Não apenas os números revelam a relevância da atividade no país, mas as próprias relações sociais, construídas a partir do trabalho que a pesca representa, muitas vezes concebidas como comunidades tradicionais, conceito que já permeia políticas públicas, o que não inviabiliza que os maiores incentivos por parte do governo estejam direcionados para a aquicultura, ou seja, a criação de pescados, que tem como intuito atender as necessidades de mercado.

Dessa forma a atividade pesqueira artesanal dentro da lógica capitalista se mantém como atividade subordinada onde os trabalhadores e trabalhadoras que vivem da pesca, apesar da resistência que se dá no trabalho, a partir das identidades aí construídas, vivem no nível de pobreza e subserviência a lógica capitalista, de modo que só uma inversão da lógica imposta aos espaços litorâneos e estuarinos possibilitaria uma mudança de cenário, o que requer dessa forma uma superação da lógica capitalista na produção do espaço.

### ***Eixo Temático: Análise Agrária***

---

<sup>1</sup> A Conferência da Pesca Artesanal tem o objetivo de discutir políticas públicas para a atividade pesqueira artesanal, sendo esta organizada por movimentos de pescadores e pescadoras, entre eles, associações, colônias, sindicatos e federações de pescadores. A proposta da Conferência nacional resultou em um relatório da mesma em que retrata a situação e as demandas da pesca artesanal no Brasil, de forma que esses movimentos juntos somem forças para atuar perante o governo federal e os estaduais.

## **Referências bibliográficas:**

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2007.

DÍEGUES, Antônio Carlos. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Àtica, 1983

LUKÁCS, Gyorgy. **O Trabalho. Em: Perl' Ontologia Dell' Essere Sociale**. Roma: Riuniti  
Tradução: Tonet, Ivo.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. Tradução: Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. 1845-1846. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2004.

RAMALHO, Cristiano W. Noberto. **Embarcações do Encantamento: Trabalho como Arte, Estética e Liberdade na Pesca Artesanal de Suape, PE**. Instituto de Filosofias e Ciências Humanas/UNICAMP, 2007. Tese (Doutorado).

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção de espaço**. Trad. Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.